

"Tudo que quando era preto era do demônio e depois virou branco e foi aceito": considerações sobre a representação de figuras sacras^{1 2}

Jadnaelson da Silva Souza³
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo

Este trabalho trata das questões de representação em torno de imagens sacras, a partir da análise imagética das Santas Populares Maria e Augustinha. Este artigo é parte da pesquisa intitulada: *Santas Sem Igreja: uma etnografia da devoção à Maria e Augustinha*, em Poções, Juazeiro-BA. Apresenta-se aqui breves discussões sobre o conceito de representação e sobre o papel dos santos e das imagens sacras na Igreja Católica. Estas reflexões calcam as análises sobre a representação das santas do interior de Juazeiro, com base em dados coletados através de entrevistas. Utiliza-se aqui os conceitos de representação desenvolvidos por Durkheim (2004), Moscovici (2007) e Hall (2016). Observa-se que as representações, em geral, são construídas a partir do repertório cultural de cada indivíduo e, por isso, refletem a forma como a sociedade se vê frente à realidade.

Palavras-chave

Catolicismo Popular; Representação; Santos e santas; Imagens sacras.

Introdução

A imagem é conhecida: um homem branco, com olhos claros, variando entre o azul e o verde, rosto afilado, pele lisa, cabelos longos e loiros e uma expressão de bondade e serenidade. É ele, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Esta imagem é a representação do Salvador para os seguidores do Cristianismo, portanto, sagrada. Até aí, nenhum problema, exceto que os traços com que Jesus foi representado ao longo dos tempos são próprios de um homem europeu e não de alguém que nasceu em Jerusalém, no Oriente Médio.

Em um esforço de imaginar como eram as feições de Jesus Cristo, o fotógrafo e designer digital Bas Uterwijk, utilizando recursos de inteligência artificial, divulgou em 2020 uma imagem (figura 1) que, possivelmente, era mais fiel à aparência de Cristo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² A citação presente no título faz referência a versos da música *Bluesman*, de Baco Exu do Blues. Ver: BLUES, Baco Exu do. *Bluesman*. In: BLUES, Baco Exu do. **Bluesman**. Salvador: independente, 2018. Faixa 1.

³ Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus Juazeiro. Membro do Grupo de Pesquisas Rhecados – Hierarquizações raciais, Comunicação e Direitos Humanos. E-mail: jadnaelson.souza@ifsertaope.edu.br

Compilando diversas informações sobre Jesus, como características faciais e dados geográficos e temporais, o designer chegou à imagem de um homem de tez negra, olhos escuros e cabelos pretos. Uma representação mais fidedigna aos homens que viveram no lugar e no mesmo período em que Jesus viveu.

Figura 1 – Foto de Jesus Cristo criada pelo fotógrafo e designer Bas Uterwijk, com a ajuda de software de inteligência artificial.



FONTE: Reprodução/Canaltech

Essa mudança radical na forma de representação da figura de Jesus não é fruto de um erro ou do distanciamento temporal entre a existência do homem e a imagem que se fez dele. A europeização de Cristo atendeu a objetivos claros de colonização empreendidos pela Igreja e pelos Estados europeus. “Negar a negritude de Jesus Cristo é, nada mais, nada menos, do que reforçar as amarras do racismo que nos constitui, desrespeitando não só a história desse homem, como naturalizando a falaciosa ideia de que o bom, o belo e o civilizado tem cores definidas.” (SANTOS, 2021).

Essa escolha de representação de Jesus faz parte de uma complexa construção de sentido, que se utiliza de uma afirmação teológica importante para os cristãos: se Deus fez o homem a sua imagem e semelhança⁴ e seu filho é representado como um homem branco, logo os homens devem ser todos brancos. Whitaker (2019) chama a atenção para a ideia racista acoplada a esta dedução, que termina por hierarquizar as pessoas pela cor da pele (brancos como filhos de Deus, negros como falhas da existência).

Para Almeida (2019), “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes” (p. 22) e vai resultar em privilégios para uns em detrimento de outros. No caso dos negros em relação a brancos, este racismo vai moldar todos os olhares, as

⁴ Passagem bíblica referente ao processo de criação do mundo, presente em Gn 1, 26.

formas de ver a existência negra, de representá-la. Hooks (2019), ao analisar a objetificação do corpo feminino negro, aponta como a mulher negra sempre foi sexualizada e descaracterizada enquanto humana. “Partes de seus corpos eram apresentadas como evidências que embasavam ideias racistas de que pessoas negras eram mais próximas dos animais do que os outros seres humanos.” (p. 112).

O ideal de imagem para figuras bondosas, humanas, dignas de santidade, perpassa todos os setores da sociedade, alcançando, inclusive, as manifestações que não estão diretamente subordinadas à institucionalidade da Igreja, como o catolicismo popular. É sobre este recorte que este trabalho busca jogar luz, a partir da análise da representação das Santas Populares Maria e Augustinha, do povoado de Poções em Juazeiro-BA. O objetivo é compreender como os fieis de Maria e Augustinha concebem imagetivamente as irmãs consideradas santas e como a constituição colonialista e, portanto racista, da sociedade brasileira influencia o imaginário destes devotos no momento de pensar a representação destas santas.

Estas reflexões fazem parte da pesquisa intitulada: “Santas sem Igreja: uma etnografia da devoção à Maria e Augustinha, em Poções, Juazeiro-BA”, desenvolvida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). As entrevistas que aparecerão ao longo do texto são do tipo abertas em profundidade e foram feitas pelo próprio autor entre os meses de outubro e novembro de 2021 e constituem parte do levantamento etnográfico em curso.

Para a construção da análise, serão levantadas breves discussões sobre o conceito de representação, com base nos trabalhos de Durkheim (2004), Moscovici (2007) e Hall (2016), e sobre o significado e a importância das imagens sacras no catolicismo, partindo das provocações de Lopes (2003) e da análise de documentos oficiais da Igreja. Por fim, será analisada a construção da representação e da imagem das Santas Populares Maria e Augustinha.

Representação

Durkheim é precursor nas discussões sobre representação. O sociólogo francês fez a categorização da representação em dois grupos: individual e coletiva. As representações individuais são fruto de fatores psicológicos e particulares de cada indivíduo. No caso das representações coletivas, elas são elaboradas a partir da forma

como o grupo social, constituído por pessoas com consciências individuais, reflete sobre as questões que lhe afetam. (DURKHEIM, 2004)

Não são as representações individuais que moldam as representações coletivas, mas o contrário. Para Durkheim, os fatos que geram fenômenos sociais novos residem no contexto coletivo e não surgem das partes (indivíduos) para o todo (sociedade).

Com efeito, o que as representações colectivas traduzem é a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam. Ora, o grupo não é constituído do mesmo modo que o indivíduo [...]. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos nem os mesmos objectos não podem depender das mesmas causas. (DURKHEIM, 2004, p. 26)

Moscovici transportou as discussões sobre representação para a Psicologia Social e propôs a Teoria das Representações Sociais. Sem abandonar a ideia de que as representações são construídas de forma coletiva, o psicólogo defende que o contexto social também está na consciência individual. Sendo assim, “o fenômeno das representações sociais manifesta-se, então, como a consciência subjetiva de fatos sociais.” (FEIX, 2017, p. 4).

Para Moscovici (2007), as representações sociais têm duas funções: convencionalizar os elementos da sociedade e assim estabelecer modelos partilhados pelo grupo; e prescrever o pensamento social, a partir de “uma combinação de estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta *o que* deve ser pensado.” (p. 36). Assim, o psicólogo romeno traz para o centro de sua teoria a comunicação, como forma de construção e de estabelecimento de relação entre os elementos que constituem uma representação compartilhada.

Deste modo, o autor dá duas definições complementares para representação social. A primeira toma o conceito de forma estática e é, portanto, um modelo elaborado, recorrente e compreensivo de condutas, crenças e imagens simbólicas.

Vistas deste modo, *estaticamente*, as representações se mostram semelhantes a *teorias* que ordenam ao redor de um tema [...] uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. (MOSCOVICI, 2007, p. 207)

A segunda definição parte de uma ideia dinâmica sobre as representações sociais, que seriam, então, “como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou

menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias.” (MOSCOVICI, 2007, p. 208).

Stuart Hall conduz as discussões sobre representação dentro do campo dos Estudos Culturais, a partir da linguagem, pois, para ele, representar é uma forma de conectar o sentido e a linguagem à cultura (HALL, 2016). Para Hall, a abordagem construtivista da linguagem é a que melhor se adequa, nesse contexto, para explicar essa junção, isso porque, segundo essa tese, os significados são construídos na linguagem e por meio dela.

Hall (2016) estabelece dois sistemas de representação. O primeiro é pautado em um mapa conceitual, que envolve uma série de imagens, experiências, objetos e sujeitos que são associados a conceitos ou representações mentais que cada indivíduo possui. O segundo é a linguagem, pois há a necessidade de tradução dos conceitos em linguagem comum, para que estes elementos passem a fazer parte da cultura compartilhada pelo grupo.

O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as [...] e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. (HALL, 2016, p. 38)

Assim, em Hall (2016), representação é um elemento essencial em qualquer grupo, pois é através dela que se dá todo o processo de geração e compartilhamento de significados entre os membros integrantes daquela cultura. Deste modo, o sociólogo jamaicano sistematiza ferramentas importantes para pensar as representações, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais.

Compreende-se que as ideias concebidas pelos três autores não se anulam, nem se sobrepõem. Mesmo que algumas discussões estejam dadas anteriormente, entende-se que os teóricos que fazem elaborações posteriores encaminham as reflexões por novos caminhos, outras áreas. Logo, as análises que serão apresentadas ao longo deste texto, apesar de estarem mais intimamente ligadas às proposições de Hall (2016), serão realizadas à luz das ideias dos três autores aqui apresentados.

As imagens e a Igreja Católica

De barro, madeira, gesso, plástico; grande, pequena, oca, maciça, pintada ou não... há uma infinidade de formas de confecção de imagens sacras, variações que vão desde a maneira como a matéria-prima é trabalhada até o suporte de exposição que vai ser utilizado. Mas o mais importante nesse contexto é o valor que os fieis dão à estátua, pintura ou papel que representa um homem ou uma mulher considerado santo/santa.

Os santos e santas são tidos, na Igreja Católica, como os modelos de vida a serem seguidos, figuras que guardam o ideal religioso em estado puro e, portanto, devem servir de exemplos de vida e morte. O conceito de santidade é tão importante para o catolicismo, que a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia⁵ se refere aos santos como figuras que alcançaram a perfeição e, portanto, a salvação eterna. “Ao celebrar o *dies natalis* (dia da morte) dos Santos, proclama o mistério pascal realizado na paixão e glorificação deles com Cristo, propõe os seus exemplos, que conduzem os homens ao Pai por Cristo, e implora pelos seus métodos as bênçãos de Deus.” (PAULO VI, 1963, p.17).

Para Diniz (2011), a ideia de santidade se baseia na realização de milagres e em comportamentos considerados virtuosos, como o ascetismo e a renúncia aos prazeres não-divinos.

Quer se trate da incorruptibilidade do corpo ou do perfume delicioso que dele emana [...] toda uma série de manifestações concordantes atestam que o influxo e o poder sobrenatural do santo não ficam diminuídos, mas, pelo contrário, aumentam com a sua passagem para o além. (VAUCHEZ *apud* DINIZ, 2011, p. 21)

Sendo este o ideal de vida a ser perseguido, cabia a Igreja Católica propagar a devoção às figuras que recebiam o reconhecimento enquanto santas. Para isso, segundo Diniz (2011), eram adotadas, principalmente, duas estratégias de divulgação: “a leitura de suas fontes hagiográficas e a produção de imagens representando passagens de sua vida e seus milagres.” (p. 22). Assim, as imagens serviriam para aproximar os devotos da ideia de existência daquele santo e, por conseguinte, do exemplo de conduta esperado de um bom cristão.

⁵ Esta constituição conciliar foi um dos primeiros documentos aprovados durante o Concílio Vaticano II e trata da renovação litúrgica da Igreja, tendo sido aprovada por 2147 votos favoráveis e quatro contrários, totalizando 2151 votos. Foi promulgada pelo Papa Paulo VI em 4 de dezembro de 1963. “Assim, aconteceu o que até então nunca tinha ocorrido na história da Igreja: nenhum Concílio jamais dedicara à Liturgia um documento à parte. Com efeito, era a primeira vez que uma assembleia ecumênica abordava a Liturgia na sua globalidade, tanto nos seus princípios bíblico-teológicos, como nos seus aspectos celebrativos e pastorais concretos.” (MARINI, 2004, n.p.).

Desta forma, as imagens sacras operam em duas percepções aparentemente antagônicas, mas que se complementam na relação devocional: a ausência e a presença. A primeira se configura no uso da imagem revelando que aquele homem ou mulher ali representado não está de fato naquele local, já não existe, inclusive, naquele tempo. A segunda se constitui no exercício da fé que projeta na imagem a própria presença daquele personagem tido como santo. “Ou seja, toda imagem religiosa tem um registro **para si e em si.**” (LOPES, 2003, p. 1, destaque do autor).

Historicamente, as contradições da Igreja em relação às imagens não terminam aí. Dentro da própria organização eclesial, o culto às representações imagéticas de santos foi defendido em alguns momentos – como no século IV, quando as imagens eram entendidas como instrumentos didáticos – e abominados em outros – como os impérios de Leão III Isaúrico e Constantino V, que fortaleceram um movimento iconoclasta “em que se condenaram, formalmente as imagens como objectos odiosos e abomináveis.” (MARTINS, 2002, p. 212).

Desde o Concílio Vaticano II, na década de 1960, o tema é encarado a partir da consideração de bases tradicionalistas, sendo mantida a prática do culto às imagens calcada no que se tinha como práxis relacionada ao assunto. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, de dezembro de 1963, orienta para a manutenção da exposição de imagens nas igrejas para a veneração dos fiéis, mas determina comedimento “para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa.” (PAULO VI, 1963, p.20).

Esta orientação aparece de forma mais pormenorizada na *Institutio Generalis Missalis Romani*⁶ da Constituição Apostólica *Missale Romanum*⁷:

Por isso, de acordo com a antiquíssima tradição da Igreja, expõem-se à veneração dos fiéis, nos edifícios sagrados, imagens do Senhor, da bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos, as quais devem estar dispostas de tal modo no lugar sagrado, que os fiéis sejam levados aos mistérios da fé que aí se celebram. [...] Normalmente, não haja na mesma igreja mais do que uma imagem do mesmo Santo. Em geral, no ornamento e disposição da igreja, no que se refere às imagens, procure atender-se à piedade de toda a comunidade e à beleza e dignidade das imagens. (PAULO VI, 2002, p. 43)

⁶ A Instrução Geral do Missal Romano trata-se de um documento construído por um grupo de especialistas em doutrina teológica e pastoral e apresenta um resumo ordenado dos princípios doutrinários e normas práticas do culto eucarístico para a celebração da missa.

⁷ A Constituição Apostólica *Missale Romanum* foi promulgada pelo Papa Paulo VI, em 3 de abril de 1969, uma Quinta-Feira Santa, e trata da restauração do Missal Romano, que contém os textos e instruções para a celebração da missa dentro do rito da Igreja Católica.

As informações apresentadas até aqui servem para revelar a importância que têm santos e santas para a Igreja Católica, bem como a forma como as imagens dessas pessoas fazem parte de estratégias de culto e disseminação do catolicismo. No entanto, não há diversidade étnica e racial desses entes reconhecidos e venerados pela Igreja Católica. Para se ter uma ideia, de acordo com um levantamento da Diocese de Santo André, existem apenas quatro santos ou santas negros e negras (Santa Efigênia, São Benedito, Santa Bakhita e Santo Antônio de Categeró) e uma apresentação mariana negra (Nossa Senhora da Conceição Aparecida) (SANTOS... 2019).

No caso de indígenas, a situação é ainda mais flagrante. São apenas duas figuras reconhecidas como santas e veneradas na Igreja Católica (São João Diego Cuauhtlatoatzin, Santa Catarina Tekakwitha) e uma apresentação mariana indígena (Nossa Senhora de Caacupé) que é representada com traços claramente europeus (3... 2018) (figura 2).

Figura 2 – Nossa Senhora de Caacupé



FONTE: Reprodução/Aleteia

Assim, o ideal de vida e fé a ser perseguido – representado pela figura dos santos e santas – se transforma também no ideal imagético a ser reproduzido – santos são brancos, com traços europeus e cabelos loiros, mesmo que tenham suas origens étnicas e raciais em povos de outros lugares, que não a Europa. Essa referência se imiscui, inclusive, em lugares e movimentos em que a Igreja Católica não dita diretamente as regras, como é o caso das manifestações de catolicismo popular. Foi o que aconteceu no processo de representação imagética das Santas Populares Maria e Augustinha.

Maria e Augustinha e a representação das Santas Maria e Augustinha

O povoado de Poções, interior de Juazeiro-BA, Semiárido Nordeste, é conhecido na região pela devoção a duas irmãs: Maria e Augustinha. O culto às duas santas populares data de muito tempo, pelo menos do fim do século XIX, quando as mulheres teriam morrido, enquanto peregrinavam pelo sertão nordestino com destino, possivelmente a Canudos, onde Antônio Conselheiro começava a organizar o arraial que entraria para a história como palco de um massacre empreendido pelo Estado Brasileiro.

A devoção à Maria e Augustinha e a história de fé em torno das irmãs não tem o reconhecimento da Igreja Católica, nem registros oficiais. O culto a elas é ensinado e repassado de geração em geração, graças à memória coletiva da comunidade. Para Halbwachs (1990), a memória, mesmo a que diz respeito somente ao indivíduo, é uma construção em sociedade, e, portanto, coletiva, fruto das referências associadas aos fatos. “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade.” (HALBWACHS, 1990, p.54).

De acordo com essa memória coletiva, as irmãs Maria e Augustinha seriam da região do Cariri cearense e teriam partido de lá rumo ao sertão da Bahia, em um período de seca prolongada, em busca de melhores condições de vida, seguindo os passos do beato Antônio Conselheiro. Mas durante a difícil viagem, as irmãs teriam morrido próximo de onde hoje é o povoado de Poções, Distrito de Juremal, em Juazeiro-BA.

No local onde foram sepultadas, nasceram duas árvores de angico⁸ que, segundo os fiéis, nunca secavam, nem mesmo durante as estiagens mais severas. As pessoas que moravam nas redondezas consideraram isso um milagre e, então, começou a correr a história das irmãs santas, as “irmãs caririzeiras”⁹.

Hoje, no local onde as pessoas acreditam que estejam enterradas Maria e Augustinha, foi construída uma pequena capela (obra da própria comunidade), chamada de Covinhas, e o lugar virou ponto de peregrinação. No dia 2 de novembro, data dedicada às santas, ônibus de várias partes do interior de Juazeiro e até de outros municípios, como Jacobina e Senhor do Bonfim, chegam às Covinhas cheios de fiéis que vêm rezar e pagar promessas por graças alcançadas.

⁸ *Anadenanthera colubrina*. Ver: ANGICO: informações gerais. informações gerais. 2020. Disponível em: <https://projetoaatinga.ufersa.edu.br/informacoes-gerais-angico/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁹ Forma como os fiéis também se referem às irmãs Maria e Augustinha e que faz referência ao possível local de origem delas: o Cariri cearense.

Na capela humilde, encontram-se objetos diversos, frutos dessas pagas de promessas, e uma série de imagens sacras, como de Nossa Senhora Aparecida - e várias outras representações de Nossa Senhora -, São Cosme e São Damião, Frei Damião e de divindades de outras religiões, como Yemanjá. Também lá estão as imagens de Maria e Augustinha, esculpidas em gesso e já desgastadas pelo tempo de exposição permanente e pelo manuseio dos fiéis.

Nessas imagens, as irmãs caririzeiras são representadas como mulheres altas, de cabelos escuros e longos, sobrancelhas finas, olhos grandes e escuros, narizes afilados, lábios finos, grandes e alongadas e pele clara (figura 3).

Figura 3 - Santas Maria e Augustinha



FONTE: Acervo do autor

Esses são traços pouco prováveis de serem de duas mulheres do Nordeste Brasileiro, da região do Cariri cearense. Essa parte do país, mesmo que tendo historicamente a presença de europeus, é marcada pela existência de povos indígenas (originários) e de negros submetidos a trabalhos escravos ou fugitivos de outras regiões (FARIAS, 2012).

A presença indígena no Ceará, especialmente no sul do estado, era tão grande, que esta área ficou conhecida como Cariri, numa referência direta aos povos Kariris (OLIVEIRA, 2016). Portanto, é indicativo de que a probabilidade de o fenótipo de mulheres pobres desta área, nos idos do século XIX, ser mais parecido com o de europeias que com o de indígenas é muito baixa. Mas, então, o que explica as imagens de Maria e Augustinha terem traços tão mais parecidos com o de pessoas da Europa que

com indígenas ou negros - maiores influências na formação étnica do lugar de origem delas?

Em busca de respostas a esta pergunta, os devotos das santas foram provocados sobre “como eram as ‘irmãs caririzeiras’ fisicamente” e foi iniciada uma busca pela pessoa que elaborou a representação imagética de Maria e Augustinha - ou alguém que tivesse acompanhado esse processo. Essas investigações foram realizadas pelo autor durante os meses de outubro e novembro de 2021, às vésperas da data dedicada às santas (2 de novembro), com pessoas do povoado de Poções, distrito de Juremal, interior de Juazeiro, Bahia.

O resgate da história das irmãs é um processo cuidadoso, porque é repleto de lacunas. Não há, sistematizada, a narrativa sobre a vida e o percurso de Maria e Augustinha. Recorre-se à memória coletiva para a construção compreensível desta história. Encontra-se fragmentos da história e é a união destas partes que se busca nesta pesquisa, em uma tentativa de registrar esta narrativa de forma organizada.

Se há dificuldades em dizer de onde as irmãs vieram ou em quantas pessoas viajaram, as informações sobre o fenótipo delas são ainda mais desconhecidas. As pessoas entrevistadas (seis, ao todo, nesta primeira fase da pesquisa) não sabem responder sobre como eram as mulheres consideradas santas. Dona Aroeira¹⁰ (informação verbal)¹¹ viveu a maior parte de seus 82 anos de vida no povoado de Poções e conhece, há, pelo menos, 70 anos a história de Maria e Augustinha. Mesmo assim, ela não tem nenhuma informação sobre as características físicas das irmãs: “sei não, nada disso.”.

Depois de muita busca, foi localizada uma pessoa que participou diretamente da construção da imagem das santas. Dona Caroá, do alto dos seus 77 anos e com a autoridade de ter ajudado a educar muitos moradores do local nos mais de 25 anos de atuação no magistério, é considerada uma das principais fontes quando o assunto são as irmãs Maria e Augustinha. Em 2001, ela ajudou na elaboração da primeira imagem das “irmãs caririzeiras” que se tem notícia: “Ele foi perguntando: como faço? Eu disse: faz assim, assim e assim.”. O desenho foi impresso em santinhos¹² que foram distribuídos

¹⁰ Os nomes verdadeiros das pessoas entrevistadas serão substituídos por nomes de plantas da caatinga, para a preservação da confidencialidade e do sigilo, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

¹¹ AROEIRA, Dona. Entrevista I. [out. 2021]. Entrevistador: Jadnaelson da Silva Souza. Juazeiro, 2021. 1 arquivo .WAV (25 min.).

¹² Pequenos folhetos impressos com a imagem de figuras consideradas santas.

durante os festejos às santas daquele ano (informação verbal)¹³ e serviram de base para as estátuas que seriam confeccionadas depois.

Apesar disso, quando perguntada sobre o que sabia acerca das características físicas de Maria e Augustinha, ela diz apenas que ouvia falar que eram mulheres altas. “Mas eu acho que, pelo jeito que o povo conversava, eu acho que elas eram brancas. Assim, por um pensar da gente, né?!”, quando perguntada sobre o porquê desse pensar, Dona Caroá explica: “por que não vejo, nunca vi ninguém dizer que fosse escura, né!?” (informação verbal)¹⁴.

Aqui temos uma indicação do que Durkheim (2004) aponta como determinante para se entender a construção das representações coletivas: “Para compreender a maneira como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que devemos considerar. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com o que ela é.” (p. 26).

Considerando a formação sócio-histórica do Brasil, pode-se afirmar que a sociedade brasileira tem um caráter colonial. Portanto, a natureza desta sociedade é racista e, assim, os símbolos com que ela se representa e representa suas crenças atendem a esta perspectiva colonializada.

Umbuzeiro tem 51 anos e também atua no magistério. Foi ele quem desenhou as irmãs Maria e Augustinha. O professor explica o processo de criação das imagens:

Assim, como a gente já tinha noção das santas, né, das roupas, do vestuário de santa, né?! Nós baseamos em cima das que já existiam, né?! Aí, nós criamos as vestes e aí depois fizemos a junção delas com a igreja, que é uma do lado e a outra do outro e a igreja no meio, né!? (informação verbal)¹⁵.

Fica evidenciada neste relato a utilização do primeiro sistema de representação descrito por Hall (2016): o conjunto de conceitos que cada indivíduo carrega, construído com base naquilo que este vivenciou ao longo da trajetória na cultura em que está inserido.

o significado depende do sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem “representar” ou “se colocar como” o mundo. Este sistema possibilita que façamos referências tanto dentro, como fora de nossa mente. [...] O sentido depende da relação entre as

¹³ CAROÁ, Dona. Entrevista II. [nov. 2021]. Entrevistador: Jadnaelson da Silva Souza. Juazeiro, 2021. 1 arquivo .WAV (39 min.).

¹⁴ Ibid., 2021.

¹⁵ UMBUZEIRO. Entrevista III. [out. 2021]. Entrevistador: Jadnaelson da Silva Souza. Juazeiro, 2021. 2 arquivos .WAV (55 min./ 20 min.).

coisas no mundo - pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais - e do sistema conceitual, que pode funcionar como *representação mental* delas. (HALL, 2016, p. 34 e 36)

O segundo sistema de representação apontado por Hall (2016) materializa-se na própria confecção das imagens - seja em santinhos ou em estátuas -, traduzindo em uma linguagem comum à cultura a que pertencem os devotos de Maria e Augustinha a representação mental delas.

Na sequência da entrevista, Umbuzeiro foi questionado sobre como a feição das “irmãs caririzeiras”, como tinha sido elaborado, com base em que informações. A resposta indica a falta de referências concretas: “Foi criada também no vento aí.” (informação verbal). É importante notar que, apesar da ausência dos dados sobre as características físicas (cor da pele e dos olhos, tipo de cabelo etc.) as personagens consideradas santas foram retratadas com traços europeus - como mostrado anteriormente - e como revelado pelo próprio Umbuzeiro, com base nas santas que “já existiam”.

Esta afirmação de Umbuzeiro expressa uma das finalidades da representação, segundo Moscovici (2007), que é a de convencionalizar pessoas, objetos ou acontecimentos. “Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.” (MOSCOVICI, 2007, p. 34).

Assim, compreende-se que esta convencionalização parte do mapa conceitual de que trata Hall (2016), à medida que são essas informações reunidas ao longo do tempo, a partir da convivência no grupo cultural, que vão indicar a forma como tal pessoa ou objeto deve ser representado, de modo que seja entendível pelo grupo (linguagem comum). Observa-se, então, que, como colocou Durkheim (2004) as representações, que ele chama de coletivas, são uma tradução da “maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.” (p. 26).

Considerações finais

Refletir sobre a formação sociocultural do grupo em que estamos inseridos é essencial para pensar o processo de representação de objetos, pessoas e acontecimentos feito nestes grupos. Essa premissa é válida, inclusive, para a análise dos signos de fé e

devoção que são encontrados nas práticas religiosas das diversas sociedades. É assim com o catolicismo no geral e especificamente naquele que é praticado no Brasil.

Em uma sociedade como a nossa, forjada na visão colonizadora europeia, repleta de marcas e atitudes racistas, as representações nascidas deste contexto serão moldadas por esta concepção colonizada, racista etc.. Assim, o ideal de bondade, santidade, estará em figuras colocadas, pela estrutura colonizadora, numa posição hierarquicamente superior. Desta forma, Jesus é branco, todos os santos devem ser brancos e tudo o que é preto depois que vira branco é aceito, como dito na música que dá título a este trabalho.

Compreende-se que, no processo de representação das Santas Populares Maria e Augustinha, ocorreu essa construção pautada por referenciais europeus de figuras santas. Identifica-se, portanto, a presença nesta elaboração dos sistemas de representação elencados por Hall (2016), bem como de finalidades da representação tratadas por Moscovici (2007).

Pensar a representação de figuras tidas como sagradas se mostra, neste contexto, importante para a compreensão da perpetuação de abordagens colonialistas da fé e propagação de discursos racistas no campo religioso. Logo, vislumbra-se nesta reflexão uma possibilidade de romper com processos que subalternizam os saberes e as personagens de origem indígena e negra.

Referências bibliográficas

3 indígenas venerados pela Igreja Católica. 2018. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/04/19/3-indigenas-venerados-pela-igreja-catolica/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

ARBULU, Rafael. **Artista usa IA para recriar rostos de Jesus Cristo e outras figuras famosas**. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/artista-usa-ia-para-recriar-rostos-de-jesus-cristo-e-outras-figuras-famosas-168618/>. Acesso em: 3 jul. 2022.

DINIZ, Aldilene Marinho César Almeida. O santo em imagens: relações entre concepções de santidade e iconografia na época moderna. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 7., 2011, Campinas, Sp. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2011. p. 20-30. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2011/Aldilene%20Marinho%20Cesar%20Almeida%20Diniz.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004. Tradução de: Eduardo Lúcio Nogueira.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FEIX, Isabel. Representações sociais, memória e cultura: a sociedade de consumo e seus estilos de vida imaginados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3210-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Tradução de: Laurent Léon Schaffter.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p. Tradução de: Stephanie Borges.

LOPES, José Rogério. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro: fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 1-29, 2003.

MARINI, D. Piero. Apresentação. In: Centre national de pastoral liturgique. **Renouveau liturgique Documents fondateurs**. Paris: Éditions du Cerf, 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html. Acesso em: 06 de jul. 2022.

MARTINS, Fausto Sanches. As imagens das nossas igrejas. In: CONGRESSO SOBRE A DIOCESE DO PORTO, 1., 1998, Porto. **Actas**. Porto/Arouca: Universidade Católica do Porto, 2002. v. 1, p. 211-221.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução de: Pedrinho A. Guareschi.

OLIVEIRA, Antonio José de. Processo de “invisibilidade” dos índios kariri nos sertões dos cariris novos na segunda metade do século XIX. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 270-289, dez. 2016.

PAULO VI. **Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia**. Vaticano: 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html#. Acesso em: 06 de jul. 2022.

_____. **Instrução Geral do Missal Romano**. Roma: 2002. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/download.php?arquivo=uploads/instrucao-geral-do-missal-romano-0562622.pdf&nome=instrucao-geral-do-missal-romano-0562622.pdf>

SANTOS e santas negros da Igreja Católica. 2019. Disponível em: <https://www.diocesesa.org.br/2019/11/19/santos-e-santas-negros-da-igreja-catolica/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Por que Jesus ser negro incomoda tanto?** 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-jesus-ser-negro-incomoda-tanto/a-60256900>. Acesso em: 02 jul. 2022.

WHITAKER, Robyn J.. **Ponto de vista: por que é importante saber que Jesus não era branco. por que é importante saber que Jesus não era branco**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47985039>. Acesso em: 03 jul. 2022.